



TRANSPARÊNCIA E RETRATAÇÃO: A CIÊNCIA NA PRAÇA DIGITAL

Ana Silvia Couto de Abreu¹

Partimos da concepção de que produzir ciência é um processo coletivo, situado historicamente, no qual aspectos sociais, econômicos, políticos têm sua eficácia, constitutivos do processo científico, sendo que este transita por sentidos não estáticos que se estabilizam temporariamente, constituindo a cultura de um tempo; cultura marcada por embates de toda ordem, em uma constante luta pela hegemonia. Situamos a produção científica como um percurso de produção, um processo de interpretação, uma tomada de posição, um embate discursivo não transparente.

Transparência, a palavra do momento. Transparência nas ações dos agentes públicos, no tratamento da informação, na condução de pesquisa. Na crença de uma relação entre transparência e boa ciência, surgem marcos regulatórios de diversas ordens, determinando deveres em relação à disponibilização de informação de interesse público, bem como de relatórios financeiros das instituições públicas (Lei n.12.527/2011, Portal da Transparência e códigos de conduta em pesquisa). A legislação, para além de um mero suporte ao desenvolvimento da ciência financiada com dinheiro público, traz como um de seus efeitos a transparência como controle e um deslocamento na *identificação imaginária* (PÊCHEUX, 1988, p. 265) do sujeito pesquisador tomado pelo jurídico.

A publicação dos resultados de uma pesquisa é um dos relevantes componentes no fortalecimento de uma comunidade científica, com seus efeitos sociais. Daí que a confiabilidade em todo o processo é um princípio básico. E os modos de funcionamento das publicações têm sua eficácia, conforme discute Guimarães (2009, p. 2-3) no artigo “Linguagem e conhecimento – produção e circulação da ciência”:

Hoje as publicações científicas, tanto especializadas quanto de divulgação, já estão diretamente afetadas por um dos aspectos fundamentais dos procedimentos tecnológicos contemporâneos (que se costuma chamar de revolução tecnológica da informação), o da organização em rede. [...] podemos considerar a circulação do conhecimento como um dos elementos da constituição do sentido da ciência e da tecnologia na nossa sociedade cuja organização política é a do estado moderno.

Circulação de conhecimento e constituição de sentidos de fazer ciência, é disso que se trata este trabalho. Buscamos compreender o funcionamento do discurso digital, no que se refere à circulação de artigos científicos sobre aspectos da pandemia, tendo como foco a retratação de artigos e seus efeitos nos sentidos de fazer ciência. Para isso, trazemos alguns efeitos da circulação do blog *RetractionWatch*² e do *PubPeer*³.

¹ Professora Associada Aposentada (UFSCar); Integrante do Grupo e-urbano (LABEURB/UNICAMP).

² Disponível em: <https://retractionwatch.com/>.

³ Disponível em: <https://pubpeer.com/>.

O RetractionWhatch (*RW*) tem como lema: “rastreamento retratações como uma janela para processo científico.” No blog *RW* há listagens de artigos retratados (cancelados ou em análise), com breves análises. Há um elo para um banco de dados interativo com extenso número de artigos retratados.

A plataforma social PubPeer (*PP*) é um tipo de peer review pós-publicação, podendo receber comentários anônimos. Seu lema é “Procure publicações e se junte à conversa.” Ocorre aí um espaço para fazer circular produções que também funciona como um espaço para a exposição dos considerados fraudadores, por meio de imagens, gráficos, trocas de tweets nos comentários.

Bases de dados e plataformas sociais – entendidas como ferramentas de comunicação, em uma visada pragmática reducionista – são aqui tomadas como manifestações do discurso digital. Digital é concebido: “para além de uma mera forma de produção de tecnologia, como uma condição de produção político-ideológica do discurso, como uma condição e meio de produção e reprodução das formas de existência capitalistas” (DIAS, 2018, p. 28).

Alguns elementos desse funcionamento digital do RetractionWhatch e do PubPeer são:

- *conversa* via comentários e tweets;
- *janela aberta*, via rastreamento de artigos retratados e lista de artigos no blog;
- *rapidez na circulação*, via preprints e processos acelerados de peer review e via citações (novos artigos e tweets)

Esse modo de funcionamento tem seus efeitos, como veremos a seguir.

O fato é que alguns artigos, mesmo sendo rotulados como retratados, continuam circulando. Um exemplo é o artigo “The safety of COVID-19 vaccination – We should rethink the policy” (mdpi.com/journal/vaccin), postado no PubPeer, que recebe comentários, indicando fraudes em sua metodologia. Pouco depois, a revista Vaccines MDPI coloca o artigo em análise. Mas os ativistas anti-vacina continuam querendo fazer o artigo que defende esta posição circular (Caulfield, Twitter) e o autor refuta o cancelamento. Outro caso é o artigo “Hydroxychloroquine and azithromycin as a treatment of COVID-19: results of an open-label non-randomized clinical trial” (IJAA) que recebe 67 comentários no PP, estando atualmente em investigação pela Elsevier.

No blog RetractionWhatch já estão listados, até o momento, 206 artigos retratados com a temática COVID-19.

A retirada de um artigo da literatura científica pode trazer como efeito uma mexida no processo, levando-nos a reconsiderar diversos aspectos no processo de produção de conhecimento científico, a saber: a demanda por produtividade e seus efeitos no processo de autoria; o tempo longo da pesquisa e do processo de publicação com pareceristas; a discussão sobre o próprio processo com pareceristas; o papel do editor; o movimento de dados abertos; o acesso à informação sobre as retratações; o fato de que alguns artigos continuam sendo citados, apesar do cancelamento, pois, depois que caiu na rede, na comunidade, difícil o apagamento, quer seja por desconhecimento, quer seja por posicionamento científico, político, marcando o embate de posicionamentos em confronto, já que “a prática de produção dos conhecimentos não constitui de maneira alguma uma exceção no conjunto das práticas; ela funciona, como toda prática, ‘como interpelação’” (PÊCHEUX, 1988, p. 267).

Ocorre, então, um movimento em cascata de desestabilização nas garantias da ciência, já que outros pesquisadores se pautaram no artigo cancelado. Esta rápida e extensa produção sobre uma pandemia e sua divulgação, incluindo suas consideradas falhas – erros e más condutas – circulando no digital, coloca o sujeito pesquisador, tido como infrator, na sombra, pelo apagamento de suas palavras, ao deixar transparecer suas falhas, deixando, simultaneamente à vista, pelo embate discursivo que logo se apresenta, via comentários em blogs, tweets: dúvidas se as falhas foram planejadas para atender ao mercado; a concepção da ciência como processo coletivo, pois toda uma rede pode se esvaír ou se fortalecer, a partir da retratação; a compreensão de que “é impossível encontrar um puro ‘discurso científico’ sem ligação com alguma ideologia” (PÉCHEUX, 1988, p. 198).

A punição na praça pública digital, com o cancelamento de artigos, trabalha com a exposição em alta escala, a vergonha e o controle. O digital constitui um efeito de transparência de que tudo está aqui, é assim que é... O artigo X foi cancelado, portanto, numa ilusória relação direta, a ciência se faz transparente, íntegra. Mas há contradições que não se apagam, e cujas pontas de lança surgem nos comentários, nos tweets, nas publicações que se mantêm, na autoria que se reforça apesar de.

Transparência e opacidade num jogo de embate, a depender da posição sujeito cientista. E Retomo aqui Guimarães (2009, p. 3), que frisa, em seu artigo:

como o modo de circulação é parte de uma prática fortemente dirigida por um aspecto das políticas públicas (a política científica) que se constitui por uma tensão constante entre Estado de um lado e de outro os cientistas, a sociedade e a mídia, numa relação, entre estes últimos, que não é de simples aliança, mas também de tensão constante. Isto é, o modo de circulação se relaciona, de algum modo, com as políticas que buscam definir as direções ou as condições das políticas científicas.

Assim, nas redes sociais aqui focadas, pontos de vista em confronto se desdobram, via Pubpeer, RetractionWatch, Twitter, ratificando, de algum modo, o fazer científico no âmbito coletivo, via postagens, comentários, conversas, podendo, inclusive, pelas suas possibilidades de funcionamento, deslocar este fazer para o arriscado campo da mera opinião, criando-se um efeito ideológico de que as posições e ações são meramente pessoais, apartadas de uma política pública científica.

Compreendemos, assim, que há novas maneiras de circular resultados científicos, maneiras essas marcadas pelo funcionamento digital:

- A exposição dos tudos fraudadores, por meio de imagens, gráficos, trocas de tweets nos comentários, em uma visibilidade permitida pelo digital, e neste caso, visibilidade às avessas.
- Visibilidade rápida de artigos, dando vistas à chamada infodemia.
- Um movimento em cascata de desestabilização nas garantias da ciência, já que alguns pesquisadores acabam se pautando em artigos cancelados. Visão do fazer científico como não confiável, até que se prove o contrário?
- O fazer científico como algo do âmbito informal (“se junte à conversa” – PubPeer). Para Sabine Righetti (2020), aparecem na mídia comentários sobre questões científicas como se estas fossem do campo da opinião. Há que se pensar, segundo ela, no método científico.
- Os embates ganhando mais visibilidade e rapidez, trazendo potenciais questionamentos, mudanças ou fortalecimento de posições.

- O rastreamento possibilitado rapidamente pelo digital: para onde se olha? Quais os periódicos tidos como científicos?
- a comunidade de cientistas e de leigos intervindo, de maneira mais rápida, no processo científico e fazendo circular de maneira mais rápida os resultados, o que é fundamental em tempos de pandemia, mas com riscos da fácil popularidade na rede.

Chegamos a um efeito de transparência circulando como direito de acesso à informação, como abertura, base para ciência confiável, como controle, em um jogo de sobreposição e contradição, indiciando que, embora possamos acreditar que “...as palavras – e os sentidos – estariam soltos, no entanto, são administrados por relações de poder, por determinações históricas, por injunções institucionais” (ORLANDI, 2001, p.141).

REFERÊNCIAS

DIAS, Cristiane. C. **Análise do discurso digital**: sujeito, espaço, memória e arquivo. Campinas, SP: Pontes Editores, 2018.

GUIMARÃES, Eduardo. Linguagem e Conhecimento: Produção e Circulação da Ciência. **Rua** [online], v. 2, n. 15, 2009. Disponível em: <https://www.labeurb.unicamp.br/rua/anteriores/pages/home/capaArtigo.rua?id=75>.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**: Formulação e circulação dos sentidos. 2. ed. Campinas, SP: Pontes, 2001.

PÊCHEUX, Michel. **Semântica e Discurso**: Uma crítica à afirmação do óbvio. Tradução Eni Orlandi *et al.* Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 1988.

RIGHETTI, S. Ciência na Covid-19: Enfrentamento, produção científica e mídia. **Seminário Ciência, Sentidos e Sociedade**, 27 agosto 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/c/LabeurbUnicamp/videos>.